

Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

2

Francisca Júlia Camargo Dresch
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Francisca Júlia Camargo Dresch
(Organizadora)

Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas
2 [recurso eletrônico] / Organizadora Francisca Júlia Camargo
Dresch. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Impactos
das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v.2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-75-8
DOI 10.22533/at.ed.758180511

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.
I. Dresch, Francisca Júlia Camargo. II. Título.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Me coube a apresentação deste exemplar cuja tarefa é a de estabelecer uma linha de raciocínio dos textos que aqui constituem os 25 capítulos desta obra. Após a leitura cuidadosa dos artigos submetidos, procurei conexões entre os contextos e as dimensões que poderiam sequenciar as discussões – trouxe a reflexão Sociológica que definem a vida humana na Terra através da produção de bens e serviços, refletidas na organização social, econômica, política, histórica, educacional, ambiental, cultural expressas pelas relações biopsicossociais do humano em seus ambientes.

Deste modo, poderíamos interrogar se nascemos ou nos tornamos humanos? A pergunta nos remete primeiramente a reflexão filosófica – em que momento inicia a vida sabendo que dependerá da abordagem selecionada, não há uma definição única que seja capaz de defini-la assertivamente. Podemos tentar explicar pela Religião, pelo Direito, e/ou pelas Correntes Filosóficas. Então, simplificamos vida é o oposto da morte, resulta do movimento contraditório que repousa na certeza de que vivendo estamos nos aproximando da morte. E para as ciências sociais, nascemos biologicamente humanos e nos tornamos humanos ao viver em sociedades e, nelas aprendemos agir moral e eticamente.

O desenvolvimento tecnológico atual nos situa na Era da Informática e das Comunicações. Tais características têm possibilitado registros inovadores na história humana. Nos interessa pontuar que o paradigma Neoliberal empregado para o permanente crescimento econômico que estabelece os padrões de consumo é o mesmo identificado no esgotamento dos recursos naturais, especialmente ao refletir o distanciamento entre *“os que acumulam, dos que nada possuem”*. Ora se o Planeta dá sinais de esgotamento e se as relações sociais apontam para a exploração sem precedentes, nos parece lógico também pensar na responsabilidade social como alternativa de sustentabilidade entre o educar para produzir e o papel das tecnologias para desenvolver a cidadania.

Portanto a obra Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 2, defende que a vida é patrimônio a ser preservado. Reúne debates acerca de pesquisas empregadas nas organizações produtivas a partir das políticas que permeiam processos de ensino e aprendizagem das instituições sociais. A cada autor, nossos agradecimentos a submissão de seus estudos na Editora Atena. Aos leitores, desejo proveitosa reflexão na trajetória apresentada

Francisca Júlia Camargo Dresch

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
VANTAGEM COMPETITIVA EMPRESARIAL PELO USO DE SACOS DE PÃES ECOLÓGICOS POR PANIFICADORAS DE QUIXADÁ – CE.	
José Cazuza Lopes Neto Valter de Souza Pinho Marcos James Chaves Bessa Sérgio Horta Mattos Danielle Rabelo Costa	
CAPÍTULO 2	10
A GOVERNANÇA AMBIENTAL E AS COMPRAS PÚBLICAS SUSTENTÁVEIS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FEDERAL	
Anaítes Maria de Moraes Silva Jaíra Maria Alcobaça Gomes	
CAPÍTULO 3	28
A GESTÃO DE COMUNICAÇÃO <i>OMNICHANNEL</i> À PARTIR DOS EFEITOS DA TECNOLOGIA NUMA SOCIEDADE PLURAL, INOVADORA E PARTICIPATIVA.	
Ligia Fagundes	
CAPÍTULO 4	42
ANÁLISE DA PAISAGEM RURAL DO MUNICÍPIO DE MARIALVA – PR: A EMPRESA BSBIOS COMO AGENTE INDUTOR DA PAISAGEM	
Isadora Pinheiro Lucas César Frediani Sant’ana	
CAPÍTULO 5	57
CONSÓRCIO PÚBLICO INTERMUNICIPAL: UMA ALTERNATIVA VIÁVEL PARA A GESTÃO E O GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS EM PEQUENOS MUNICÍPIOS	
Tassiana Justino Fernandes Maria das Graças de Lima	
CAPÍTULO 6	72
A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, SOB O OLHAR DOS ACADÊMICOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO PRIVADAS.	
Eudes Cristiano Vargas Larissa Siqueira Camargo Sandra de Cássia Franchini Leticia Grazielle Roque Adriano Pereira Cardoso Dênis Martins de Oliveira	
CAPÍTULO 7	87
A EXPANSÃO DOS CURSOS PRIVADOS PRESENCIAIS DE SERVIÇO SOCIAL EM SALVADOR-BA: IMPACTOS PARA DISCENTES E DOCENTES	
Adriana Freire Pereira Férriz, Taís Ana de Oliveira, Thainan de Albuquerque e Santos,	

CAPÍTULO 8	103
A COLETIVIDADE DOCENTE NA ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Paulo Vitor Teodoro de Souza Hélder Eterno da Silveira Iara Maria Mora Longhini	
CAPÍTULO 9	116
O CONTEXTO VIOLENTO DO ESTADO CAPITALISTA E O BULLYING	
Giovanna Back	
CAPÍTULO 10	129
O USO DOS PRINCÍPIOS DO DESIGN DE INTERIORES NA HUMANIZAÇÃO DA CASA DE APOIO	
Rubia Maiara Silva Marcon Larissa Siqueira Camargo	
CAPÍTULO 11	141
TEORIAS DE APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA: UMA ANÁLISE CRÍTICA	
Laysa Cristina de Oliveira	
CAPÍTULO 12	153
USO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM	
Ernane Rosa Martins Wendell Bento Geraldes Ulisses Rodrigues Afonseca Luís Manuel Borges Gouveia	
CAPÍTULO 13	160
O USO DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	
Juliana Santos Alves Paulo Sergio Machado Leila Maria Araújo Santos	
CAPÍTULO 14	168
TECNOLOGIAS MÓVEIS EM CONTEXTO EDUCATIVO	
Ernane Rosa Martins Wendell Bento Geraldes Ulisses Rodrigues Afonseca Luís Manuel Borges Gouveia	
CAPÍTULO 15	178
EVOLUÇÃO DOS ACIDENTES DE TRÂNSITO COM VÍTIMAS FATAIS EM ADULTOS JOVENS NO NOROESTE PARANAENSE	
Willian Augusto de Melo Maria Antonia Ramos Costa Neide Derenzo Verusca Soares de Souza Maria Dalva de Barros Carvalho	

CAPÍTULO 16	188
BIPOLARIDADE ESTADISTA-IDEOLÓGICA: ELIZABETH I E PONTIFICADO	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
CAPÍTULO 17	195
CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CONVENÇÃO JACOBINA NA REVOLUÇÃO FRANCESA	
William Geovane Carlos	
CAPÍTULO 18	205
ANÁLISE DE TENDÊNCIAS DO CONSUMO MEDIADO POR DISPOSITIVOS DIGITAIS NO MARKETING DE RELACIONAMENTO	
Guaracy Carlos da Silveira Fernando Augusto Carvalho Dineli da Cost	
CAPÍTULO 19	218
<i>CHILD OF THE DARK</i> : A PRESENÇA DA MULHER NEGRA NAS LITERATURAS TRADUZIDAS	
Tayza Cristina Nogueira Rossini Letícia Toniete Izeppa Bisconcim Wellington Júnior Jorge	
CAPÍTULO 20	229
INTERAÇÃO UNIVERSIDADE-EMPRESA NO BRASIL: MOTIVADORES E OBSTÁCULOS - UM ESTUDO MULTICASOS	
Vivien Mariane Massaneiro Kaniak	
CAPÍTULO 21	240
ANÁLISE DE ATIVIDADES LOGÍSTICAS: ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DO SETOR ALIMENTÍCIO DO NOROESTE PARANAENSE	
Renan Araújo de Azevedo Daniel Mantovani Aline Takaoka Alves Baptista Leandro Ferreira Pinto Amauri Henrique de Carvalho Júnior	
CAPÍTULO 22	252
O PROGRAMA DE EXCELENCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A SISTEMÁTICA DA GESTÃO DO CONHECIMENTO ESTRATÉGICO NAS ORGANIZAÇÕES ESCOLARES DE EDUCAÇÃO INFANTIL NA CIDADE DE SARANDI – PR	
Tânia Corredato Periotto Fabiana Azevedo Picanço Tamires Selini Gouveia	
CAPÍTULO 23	259
ESTUDOS DA LITERATURA SOB A VERTENTE DO LETRAMENTO: A LENDA DE RUFF GHANOR E O UNIVERSO MULTIMODAL	
Letícia Toniete Izeppa Bisconcim Tayza Cristina Nogueira Rossini Wellington Júnior Jorge	

CAPÍTULO 24271

ESPORTE, MÍDIA CONTEMPORÂNEA E (IN)VISIBILIDADE SOCIAL: ATUAÇÃO PROFISSIONAL COM AUXÍLIO DAS REDES SOCIAIS

Bruno Bember Lofiego
Afonso Antônio Machado

CAPÍTULO 25282

A CULINÁRIA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS, PARANÁ: ASPECTOS DA IMIGRAÇÃO E A INFLUÊNCIA CULTURAL DAS COMIDAS TÍPICAS

Renan Valério Eduvirgem

SOBRE A ORGANIZADORA.....291

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, SOB O OLHAR DOS ACADÊMICOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO PRIVADAS.

Eudes Cristiano Vargas

Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR
Maringá-PR

Larissa Siqueira Camargo

Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR
Maringá-PR

Sandra de Cássia Franchini

Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR
Maringá-PR

Leticia Grazielle Roque

Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR
Maringá-PR

Adriano Pereira Cardoso

Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR
Maringá-PR

Dênis Martins de Oliveira

Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR
Maringá-PR

RESUMO: As representações sociais vem sendo utilizadas por diversas áreas do conhecimento, assim nos apropriamos desta perspectiva para promover este estudo que teve como objetivo investigar quais são as representações sociais da identidade do professor universitário que os acadêmicos de instituições privadas mantêm. Para tanto, foi utilizado uma pesquisa qualitativa, com coleta de dados através de uma entrevista semiestruturada, com acadêmicos dos cursos

de Administração em duas instituições de ensino superior privadas, sendo entrevistados tanto acadêmicos na modalidade à distância, como acadêmicos na modalidade presencial, que possibilitou uma análise de discurso do material coletado. Evidenciou-se, portanto que os acadêmicos possuem representações diversificadas da identidade do professor do ensino superior, porém, ainda que tenham representações diversificadas, também apresentam uma conversão de representações. **PALAVRAS-CHAVE:** Representação Social; Identidade; Professor Universitário.

ABSTRACT: Social representations are being used by different areas of knowledge, so we appropriate this perspective to promote this study aimed to investigate what are the social representations of the identity of a university professor that academic private institutions maintain. Therefore, a qualitative research was used, with data collection through semi-structured interviews with scholars of management courses in two private higher education institutions, being interviewed both academics in distance mode, as scholars in the classroom mode, which allowed one discourse analysis of the collected material. , It is highlighted so that scholars have diverse representations of higher education teacher's identity, however, although they have diverse

representations also have a representation conversion.

KEYWORDS: Social representation; Identity; University Teacher.

1 | INTRODUÇÃO

A expansão da educação superior no Brasil tem sido fomentada quantitativamente, por instituições de ensino privadas prioritariamente, pode-se enxergar essa expansão através dos dados divulgados pelo próprio Ministério da Educação, onde aponta mais de 7,8 milhões de matrículas em instituições de nível superior, contempladas as matrículas em cursos presenciais e à distância, sendo que 74,49% destas matrículas estão presentes nas instituições privadas (MEC, 2015), o que ocasiona de forma geral, uma possibilidade de migração de profissionais para estas instituições.

A migração de profissionais de um setor à outro da economia, de um estado à outro, enfim, essa movimentação nas sociedades é marcada historicamente por conflitos tanto por parte dos profissionais - por questões adaptativas por exemplo - como por parte dos beneficiários desses serviços profissionais - por falta de identificação por exemplo.

Tomando como base esses pressupostos, faz-se interessante conhecer como os acadêmicos de instituições privadas de nível superior compreendem a identidade profissional do professor, visto que, é este profissional que estará diretamente ligado aos "tomadores de serviço", propiciando assim às pesquisas organizacionais, buscar uma aproximação entre estes agentes nas organizações privadas de educação.

Dentro dessa perspectiva, entendemos como campo fecundo e, objetivamos através desta pesquisa, investigar quais são as representações sociais da identidade do professor universitário que os acadêmicos de instituições privadas mantêm. Obviamente, não pretendemos neste estudo esgotar as discussões sobre tal conteúdo, mas sim, propiciar e fomentar discussões para o próprio desenvolvimento das questões aqui elencadas.

2 | TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Recuperando o conceito de "representação social" de Durkheim, Serge Moscovici em 1961 em seu "A Representação Social da Psicanálise" procura desvendar como o "senso comum" compreende as ideias técnicas ou científicas e por quais vias essa compreensão se instala (LAGACHE, 1978).

O trabalho de Moscovici de representação social veio, a partir daí, ganhando força e notoriedade no meio acadêmico, sendo utilizado por diversas áreas do conhecimento para se investigar diferentes tipos de objetos e fenômenos. Obviamente que neste trajeto, diversas foram as críticas recebidas quanto à sua utilização, por razões de concepções epistemológicas, porém, nosso propósito neste estudo nos cerceia de adentrar nos meandros dessas discussões.

Considerando o modo de vida social atualmente, onde diversas são as informações em massa que são recebidas pelos indivíduos, este precisa de alguma maneira aproximar e compreender essas informações. Nos encontros em família, amigos, no trabalho, etc, somos instigados a nos posicionar ou simplesmente externarmos nossas posições sobre determinado assunto. A maneira como realizamos essa aproximação do conteúdo, utilizando-nos daquilo que já conhecemos ou utilizando palavras que fazem referencia em nosso repertório, faz com que se construa um universo consensual, assim os grupos passam a compartilhar representações, que vão sendo construídas e comunicadas entre os membros, transformando-se então, não mais em apenas opiniões, mas sim em teorias do senso comum (MOSCOVICI, 1978)

Essa rede de relações criada pelos grupos com o fim de se aproximarem e assim "obterem ordem" das informações, ou seja, o grupo passa a elaborar uma relação lógica entre o conhecimento técnico ou científico e o conhecimento de senso comum, este processo chamado de elaboração (MOSCOVICI, 1978), é que dará sustentação para todo o processo de representação social. Nas palavras de Moscovici (1978) "a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos" (MOSCOVICI, 1978, p. 26), sendo essa elaboração, não necessariamente derivada da realidade, mas sim, de uma organização do comportamento social (JODELET, 2001), ou seja, como nos aponta Cavedon (2014) após o conceito ser aceito entre o grupo, constitui-se parte integrante deste, e de suas inter-relações.

É importante neste momento fazermos uma breve explicação sobre o que Moscovici descreve como universo consensual e universo reificado. Moscovici (1978) nomeia o universo científico, onde os signos linguísticos possuem uma estrutura material e pressupõe uma série de convenções, ou seja, estão simbolicamente ligados a fatos que são compreensíveis dentro do campo científico, exemplificando com o "Complexo de Édipo", Moscovici (1978) explica que esse conjunto representa para os psicanalistas uma relação entre os indivíduos, não necessariamente que esta relação apresente um complexo. Já quando este mesmo conjunto passa então para a utilização de indivíduos fora do grupo "científico", este mesmo signo terá uma nova conotação saindo de simples signos para um significante diferenciado. Este é o processo de sair do universo reificado (científico) para o universo consensual (senso comum).

Moscovici (1978) aponta que a elaboração da representação social advém de dois processos fundamentais, sendo eles a objetivação e a amarração ou ancoragem. A objetivação consiste em tornar real, coisificar conceitos desconhecidos e incomuns em algo conhecido, quase concreto, retirar esse objeto do plano totalmente mental e trazê-lo ao plano material/físico, nas palavras de Moscovici (1978) "objetivar é reabsorver um excesso de significações materializando-as. É também transplantar para o nível de observação, aquilo que era apenas inferência ou símbolo" (MOSCOVICI, 1978, p. 111).

Jodelet (2001) nos auxilia no aprofundamento desse conceito quando detalha

que a objetivação ocorre através de três fases distintas, i) construção seletiva, sendo o processo onde o sujeito apreende apenas alguns elementos do objeto, ignorando outros, de acordo com seus critérios culturais; ii) a formação do núcleo figurativo, o qual através de uma imagem coerente passa a concretizar o objeto; iii) naturalização, sendo então a internalização da própria representação.

Já o processo de amarração ou ancoragem, traduz-se em retirar o significado existente e transformar esse significado em outro mais próximo ao indivíduo, ou seja, constituir uma significação ao objeto relacionando-o às práticas e valores sociais. Também sendo traduzido por três etapas sendo i) atribuição de sentido, que corresponde a dar sentido ou significação ao objeto, ii) instrumentalizar o saber, visto que a interpretação é realizada pelo sujeito como um código comum que proporciona a classificação de acontecimentos e iii) enraizamento no sistema de pensamento que significa que essa nova interpretação se dará sobre uma já existente (ALVES-MAZZOTTI, 2008).

Portanto, essa pesquisa procurou utilizar-se das perspectivas da Teoria das Representações Sociais no sentido de aprofundar os estudos sobre como um grupo social representa um fenômeno no qual estão inseridos.

3 | IDENTIDADE

O conceito de identidade dentro da Psicologia Social e das Ciências Sociais ainda se encontra em construção, por isso, tomamos como prudente, para manter um alinhamento teórico, nos limitarmos a alguns desses conceitos, evitando assim, uma pluralidade de perspectivas que poderia ocasionar um distanciamento do objetivo deste estudo.

Diante disso, para iniciarmos nossas discussões, nos prenderemos a quatro pontos que entendemos como fundamentais para nosso estudo, primeiramente a identidade é uma construção, ou seja, ela é relacional, a partir do pressuposto que se constrói uma identidade a partir de uma dialética entre o ambiente externo e próprio indivíduo. Outro ponto fundamental está baseado na identidade como metamórfica, em contante transformação ou inacabada, a identidade do indivíduo ou social é adaptável à situação ou fenômeno estudado, prosseguindo, temos um terceiro ponto que identifica a identidade como plural, não tendo portanto uma imagem fixa, a composição da identidade é complexa a ponto de o indivíduo ou grupo se identificarem com diversos grupos concomitantemente, e por último ponto importante, a identidade é diferencial, o princípio de se identificar à certo grupo, aponta que "o outro" é diferente, a função da identidade também é se diferenciar (HALL, 2006; CIAMPA, 1987; SEYFERTH, 2004).

A identidade como processo de construção dialética ou relacional parte do pressuposto que a (con) vivência em sociedade constrói de forma lenta e gradual a identificação de indivíduos e grupos através da similaridade ou não com o "outro". Para efeitos de elucidação deste ponto, peguemos como exemplo, algo simples em

nosso cotidiano, a identificação das cores entre meninos e meninas. As crianças passam por esse processo de dialética, ao serem expostas ao discurso, muito comum, de azul para menino e rosa para menina, este processo de interferência externa realizado pelos pais, amigos, tios, avós, enfim, pela sociedade, faz com que na formação de sua identidade, as crianças absorvam o conceito e o internalizem como verdadeiro, isso se desencadeará posteriormente - em fase mais adulta quando o indivíduo tiver mais maturidade - como conflito ou não, dependendo de sua própria identificação com grupos sociais, ou seja, caso este indivíduo concorde com esse discurso, individualmente, o mesmo se identificará com este conceito, porém, caso essa não seja a verdade individual, poderá ocasionar um conflito interno, pois, haverá discrepância entre características de identidade do indivíduo (HALL, 2006; CIAMPA, 1987; SEYFERTH, 2004).

Outra afirmativa que fizemos anteriormente é: a identidade é metamórfica, pois, apesar da identidade ser parte integrante do indivíduo e também de um grupo social, ela não fixa, não é permanente, ela é fruto de um resultado provisório entre a própria história individual, o contexto social atualizado e os projetos futuros, esse caráter dinâmico da identidade garante um movimento próprio da mesma, proporcionando ora se identificar - e por conseguinte se diferenciar - de um grupo, ora se identificar com outro grupo (CIAMPA, 1987). Neste ponto podemos exemplificar com um processo comumente em nosso modelo capitalista, o próprio ato de compra e venda. Ao comprar um produto o indivíduo se identifica com um grupo (compradores) que tem por objetivo o menor preço possível, a melhor qualidade, etc, porém, quando esse mesmo indivíduo passa para o grupo dos vendedores, seus objetivos se alteram e, por conseguinte o mesmo desejará obter o maior lucro possível, em menor tempo, maior liquidez, enfim, essa transformação ou metamorfose garante a identidade essa flexibilidade (HALL, 2004)

O conceito de identidade também perpassa pela questão da pluralidade, visto que cada indivíduo ou grupo social possui diversas características que asseguram uma multiplicidade de identificações e diferenciações possíveis dentro de um mesmo tempo, porém, num dado fato essa identidade procurará, dentro dessa diversidade de características, aquela a qual dará maior ênfase. Neste ponto devemos ser um pouco mais cautelosos para não cairmos na redundância quanto à metamorfose, enquanto na metamorfose existe uma transformação, ou seja, uma transferência de um ponto à outro, na pluralidade esse movimento não ocorre, mas sim uma prevalência de característica. Talvez exemplificando possamos esclarecer quaisquer dúvidas. Tomemos como exemplo para fins elucidativos dois homens casados, com filhos, que morem no mesmo bairro, talvez até no mesmo condomínio. Todas essas características discutidas anteriormente identificam mutuamente os indivíduos, somem-se à essas características que os dois ainda participam de um mesmo partido político, veja que existe uma multiplicidade de possibilidades de identificação entre ambos, porém, dentro desse partido político, os indivíduos discordem em um ponto

específico, isso faria que ambos se identificassem com outros grupos que compõem algumas dessas características e também aquele ponto específico de divergência entre os dois (HALL, 2006; CIAMPA, 1987; SEYFERTH, 2004).

Este último ponto fundamental que discutiremos sobre a identidade, representa um paradoxo dentro do conceito de identidade, pois, apesar da identidade possuir um caráter de identificação, ela mesma também possui o caráter de diferenciação, ou seja, apresenta uma dupla função de agrupar ao mesmo tempo que separa os indivíduos, neste sentido portanto, o indivíduo é sempre um ser-sendo-sem-estar-sendo, nas palavras de Ciampa (1987) "sou o que estou sendo (uma parcela de minha humanidade); isso me dá uma identidade que me nega naquilo que também sou-sem-estar-sendo (humanidade total); (CIAMPA, 1987, p. 173). Portanto a ideia paradoxal da identidade vale-se tanto para o conceito de agrupamento e diferenciação, como também para o caráter de individualismo e necessidade do "outro", pois se me identifico, me identifico com alguém ou algum grupo, porém, me diferencio do "outro".

4 | PERCURSO METODOLÓGICO

Com o intuito de assegurar uma confiabilidade e validação do objetivo proposto por este estudo, passamos aqui à apresentar sistematicamente o caminho percorrido, consistindo no conjunto dos métodos e técnicas utilizados para conduzir esta pesquisa, exibindo explicações minuciosas e detalhadas de toda ação desenvolvida no caminho do estudo. Sendo o mesmo um estudo descritivo, pois, de acordo com Triviños (1987) o estudo descritivo busca compreender os fatos ou fenômenos de determinada realidade.

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo a intersubjetividade humana, acreditamos ser coerente utilizarmos-nos de uma pesquisa qualitativa, onde Denzin e Lincoln (2006) afirmam que a pesquisa qualitativa transpassa por disciplinas e temas diversificados, indo além, Richardson (1999) postula que a pesquisa qualitativa deve ser utilizada quando fica evidenciada a necessidade de se substituir meros dados estatísticos por informações mais qualitativas. Na pesquisa qualitativa não existe a utilização de significação numérica, porém, isto não significa que a análise sejam meras especulações subjetivas (VIEIRA; ZOUAIN, 2004). Richardson (1999) afirma que "as investigações que se voltam para uma análise qualitativa tem como objeto situações complexas ou estritamente particulares" (RICHARDSON, p.79-80, 1999), ou de acordo com Soares (2003), na pesquisa qualitativa é permitido interpretar dados, fatos ou hipóteses, já Minayo (1994) nos diz que "a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994, p.22).

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se de entrevista semiestruturada, pois na entrevista é possível captar informações nas falas dos atores (MINAYO,

1994), corroborando com este prisma May (2004) afirma que “as entrevistas geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas” (MAY, 2004, p. 145). Gaskell e Bauer a definem:

Toda pesquisa com entrevistados é um processo social, uma interação, em que as palavras são um meio principal de troca, não apenas um processo de mão única passando de um (o entrevistado) para o outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados. (GASKELL E BAUER, 2002, p.73).

Sendo assim, as entrevistas foram realizadas no mês de Novembro e Dezembro/2015 com 6 entrevistados, todos do curso de Administração de empresas em duas instituições de ensino superior privadas diferentes, que estão constituídas no noroeste paranaense, sendo 3 entrevistados cursando presencialmente e os outros 3 entrevistados cursam na modalidade à distância.

Porém, Spink (1998) sustenta que nas investigações sobre a representação social, faz-se necessário a adição de levantamentos paralelos sobre o contexto social, para isso foram utilizadas publicações e documentos oficiais, assim como uma pesquisa bibliográfica.

A análise dos dados foi baseada na análise de discurso onde Spink (1998) aponta que por se tratar de um processo de análise mais complexo e demorado, é viável um menor número de sujeitos investigados, como Araujo e Ichikawa (2011) bem enfatizam, a expressão utilizada por Spink não se refere à uma forma específica de análise, já José Pinto (1999) afirma que a análise de discurso tem como finalidade “descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentimentos vinculados àqueles produtos da sociedade” (JOSÉ PINTO, 1999, p.7), na mesma direção Orlandi (2003) nos diz que “como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso”, indo além, nos apresenta que “Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre homem e a realidade natural e social”(ORLANDI, 2003, p. 15). Pode-se portanto entender que tanto José Pinto (1999), quanto Orlandi (2003) nos apontam a análise de discurso, não como uma análise de o que o texto quer dizer, mas sim, como o texto significa, ou seja, o discurso passa a ser uma interação sócio-histórico-cultural, e não apenas um conjunto de frases e palavras a ser analisado.

Desse modo todas as entrevistas foram transcritas dentro das primeiras 24 horas de sua realização, com o intuito do pesquisador conseguir captar todas as informações prestadas pelos entrevistados, em seguida foi realizada uma validação do próprio discurso com os entrevistados, garantindo assim a validade interna da pesquisa.

O trabalho de análise do pesquisador se deu da seguinte maneira, primeiramente o pesquisador fez uma leitura mais aprofundada das transcrições das entrevistas atribuindo pseudônimos aos entrevistados para preservar a imagem destes, em seguida

voltou-se às gravações para se aperceber de fatos, entonações, gestos corporais, etc. Esse exercício foi realizado diversas vezes com o intuito de se captar as informações mais significativas dos entrevistados. Além disso, incontáveis vezes foram necessárias ao pesquisador se voltar também a pesquisa bibliográfica.

Após este exercício, foi necessário fazer alguns recortes nas transcrições, objetivando, conforme Spink (1998) delimitar um mapeamento dos significados mais importantes das representações sociais dos entrevistados. Culminando, portanto, com os dados de análise que serão ingredientes para o próximo tópico.

5 | ANÁLISE DE DADOS

A partir deste momento passamos então a apresentar os dados conjuntamente com as análises realizadas, procurando investigar quais são as representações sociais da identidade do professor universitário que os acadêmicos de instituições privadas mantêm. Somente a título de organização do estudo, procuramos realizar a análise primeiramente das representações sociais dos entrevistados que realizam o curso na modalidade de ensino à distância.

Ao iniciarmos as entrevistas, um fato curioso nos chamou a atenção, todos os entrevistados da educação à distância apontaram primeiramente a capacidade de conhecimento e domínio de conteúdo do professor, como podemos visualizar nos trechos transcritos a seguir:

Maria: Ah! O professor tem que ser bom, **saber** o livro de trás pra frente e de frente pra trás, deve **conhecer tudo** sobre o assunto, né?

Juan: Vixi, o professor? Ahn.....deixa ver,....pô o cara tem que ser crânio, **saber** a matéria todinha e responder as perguntas ao vivo, na hora. Tem que **saber tudo** na ponta da língua.

Ana: Bom, acredito que primeiramente o professor deve ser muito inteligente e ter domínio total dos conteúdos abordados. Tipo assim, ele tem que ser da área entende? Porque para **saber** explicar, ele precisa ter **conhecimento** de causa.

Portanto fica claramente exposta nestes trechos que a primeira representação de identidade do professor para os acadêmicos é a característica de conhecedor do determinado assunto, apesar dos entrevistados não pontuarem exatamente essa palavra, fica explícito que os trechos chancelados expõem o sentido (significado) disso.

Outro ponto confluyente para os entrevistados, refere-se ao fato do professor conseguir apreender a atenção dos acadêmicos, apresentando porém, palavras totalmente diferenciadas entre si, mas que, interpretadas à luz da análise de discurso, fica homogeneizada na compreensão de conseguir que o acadêmico não se "desprenda" da aula.

Maria: [...] ele (o professor) tem que **ser dinâmico**, senão a gente num consegue assistir a aula né. Se num for dinâmico a aula fica chata e a gente só falta dormir na frente do computador.

Juan: [...] dá se o professor num souber levar a aula pra **prender a nossa atenção**, fica difícil né, você sabe, a gente ali no PC, tem facebook (riso), outras coisas que chama atenção.

Ana: [...] **didática do professor** deve ser muito bem aplicada, pois estamos sentados no computador, se for uma didática muito lengalenga, o aluno fica sem motivação para assistir.

Veja que as palavras utilizadas pelos entrevistados se divergem no ponto de vista gramatical, porém, a representação de tornar-se interessante que o professor precisa ter fica explícita na mensagem discursiva dos acadêmicos. Logo, a representação formada pela didática, dinamicidade e atenção apesar de apresentarem diferentes conceitos linguísticos, se tornam, sob o mesmo guarda chuva, uma interpretação da apreensão da atenção ou tornar-se interessante.

Diferentemente das representações anteriores, onde havia uma convergência, neste momento os entrevistados apresentam um posicionamento diferenciado, como podemos evidenciar nas transcrições a seguir:

Maria: [...] **normalmente são bem abertos**, deixam os alunos participar, expor aquilo que a gente tá pensando, porque fica bem legal a aula quando tem participação de alunos.

Juan: [...] são **bem vestidos**, né. Tipo, cabelo bem cortadinho, paletó, gravata, se for mulher de vestido. Já imaginou um professor dando aula de chinelo e bermuda? Num dá né.

Ana: [...] criativos, acho que a palavra que quero dizer é **criativo**, porque eles são criativos demais, as atividades, as questões, nossa! É muita criatividade, você tem que ver. (riso)

Veja que neste momento enquanto as duas entrevistadas se voltam para critérios intelectuais ou comportamentais da identidade, ainda que diferenciados, o entrevistado Juan volta seu olhar à um critério físico de aparência. Essa divergência talvez seja explicada pela pluralidade e dialogicidade que a identidade possui como características, onde explicitamos anteriormente.

Sendo assim, ao emergir essas representações sociais dos acadêmicos que realizam o curso na modalidade à distância foi possível transportar as associações à um esquema conceitual conforme a figura abaixo:

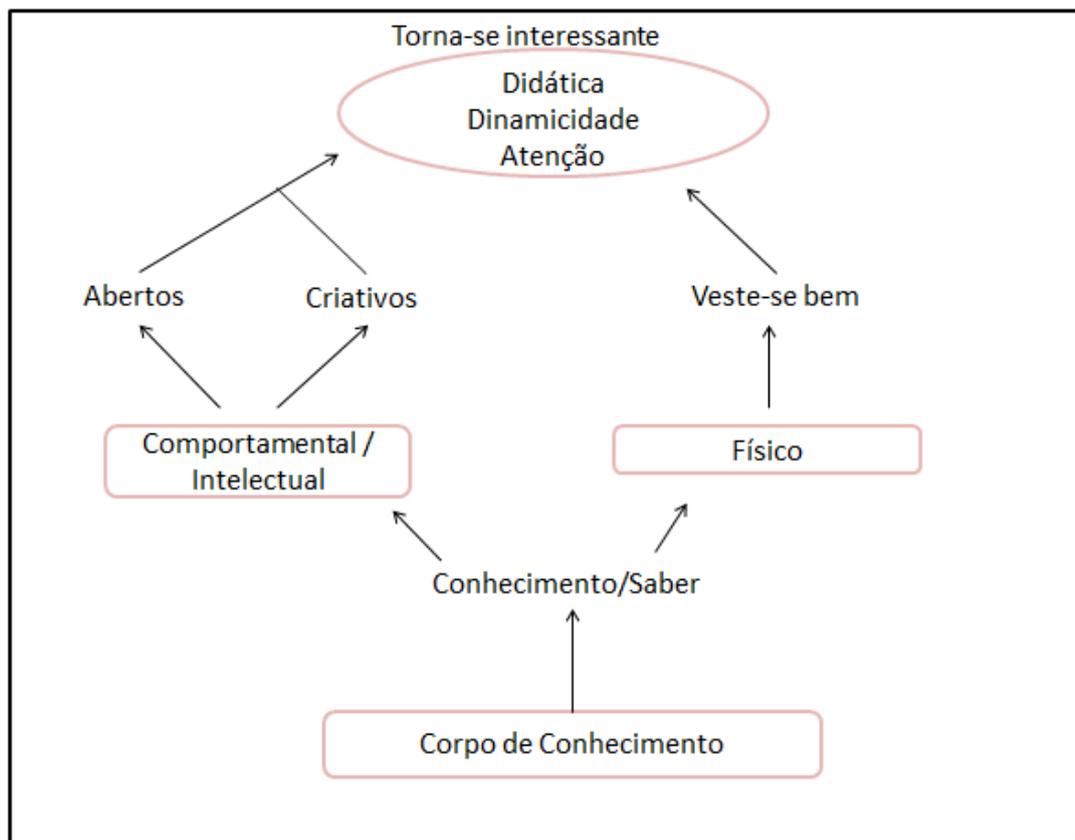


Figura 1: Representações Sociais da Identidade de Professor para os acadêmicos do Curso de Administração na modalidade à distância

Fonte: Os autores (2015)

Prosseguindo com nossas análises, passamos agora à apresentar os dados obtidos junto aos acadêmicos que cursam o ensino superior na modalidade presencial. Onde também foram entrevistados e atribuídos pseudônimos para se preservar suas identidades.

Assim como os acadêmicos da modalidade do ensino à distância, os acadêmicos do ensino presencial também formularam representações sociais sobre a identidade do professor. Porém, esperava-se que por participarem de um mesmo grupo social "estudantes do ensino superior" os mesmos apresentariam representações sociais equivalentes, no entanto, as representações emergiram de forma diferente nos acadêmicos do ensino presencial.

Ao se questionar sobre a identidade do professor para esses entrevistados, prioritariamente deram ênfase ao físico, pois todos pontuaram em primeiro lugar as vestimentas e aparência física do professor, poderemos acompanhar esse ponto de vista de acordo com as transcrições a seguir:

Paulo: Professor **sempre** usa jaleco, tem boa aparência, **veste-se bem**, com malas cheias de livros e notebook na mão.

Pedro: Uma pessoa com meia idade que se **veste formalmente**, cabelos tratados e limpos, barba bem feita.

Vera: Professores sempre usam óculos, **roupa social**, estão sempre bem alinhados,

homens normalmente são carecas e mulheres são mais jovens.

Pode-se influir nestas transcrições a importância que os acadêmicos do curso presencial dão às características físicas dos professores, iniciando a representação através da concepção de vestimenta que é ou não coerente à profissão.

Ao avançarmos as entrevistas, outras representações foram sendo afloradas pelos acadêmicos, podemos apontar que não houve uma confluência nas respostas, conforme descrições a seguir:

Paulo: [...] são focados e **amam o que fazem**, você pode enxergar isso dentro dos olhos deles, na sala de aula [...]

Pedro: [...] respeitam muito, é claro que quando precisa brigar né, eles brigam, mas tem **sempre um respeito** muito grande pela gente [...]

Vera: [...] são muito **pacientes**, explicam tudo diversas vezes, se a gente não entende, eles tem paciência pra explica tudo de novo [...]

Nestas transcrições fica claro que os acadêmicos transferem o foco da imagem física do professor para a presença física em sala de aula, que acaba identificando o professor pelos seus atributos de paciência, amor à profissão e respeito com os acadêmicos.

Ao progredirmos, os acadêmicos novamente convergem a uma ideia central de identificação dos professores, ao abordarem -assim como os acadêmicos do ensino à distância - a importância destacada do tornar-se interessante, isso será clarificada nas transcrições a seguir:

Paulo: [...] são bem extrovertidos, **tornam as aulas mais divertidas**, assim não ficamos parados só olhando para eles lá na frente [...]

Pedro: [...] usam dinâmicas nas aulas, **deixam a aula mais atrativa**, e assim fica mais fácil da gente entender a matéria[...]

Vera: [...] são show, cada aula é diferente da outra, (tempo - entrevistado pensativo) é, nem sempre né, mas assim, **sempre inovam** em alguma coisa, porque imagina, a gente vem do serviço né, cansada, tem que ter uma animação.

Convém aqui apontarmos novamente o caráter interpretativo da análise de discurso, veja que as palavras encontram-se descontextualizadas se levarmos em consideração apenas sua sintaxe e morfológica, precisamos realizar uma interpretação do conjunto contextual das entrevistas e dos fatores externos ao grupo social, dessa maneira, também interpretamos tais colocações como o "fazer professoral" uma didática voltada a apreender a atenção dos acadêmicos. De acordo com essas emersões das representações, apresentamos novamente um esquema conceitual conforme a seguir:

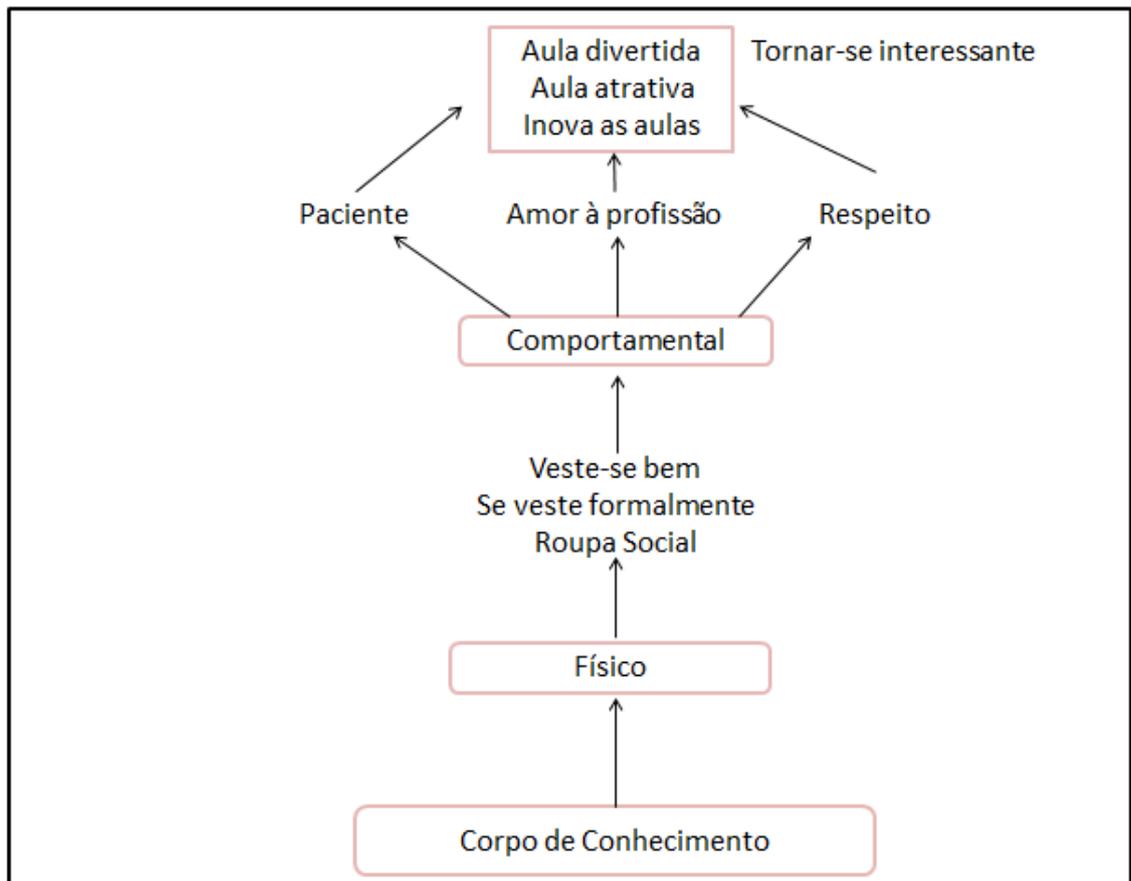


Figura 2: Representações Sociais da Identidade de Professor para os acadêmicos do Curso de Administração na modalidade presencial

Fonte: Os autores (2015)

Através das representações apresentadas através dos esquemas conceituais, podemos enxergar que os grupos sociais (acadêmicos do ensino à distância x acadêmicos do presencial) compartilham de algumas representações, porém, ainda divergem em outras.

Para compreendermos melhor os esquemas apresentado, necessitamos fazer um breve retorno aos conceitos de representação social elencado anteriormente, assim como de identidade.

Como acompanhamos através de Moscovici (1978) a representação social é uma transposição de um conhecimento científico para um conhecimento de senso comum, utilizando-se de uma lógica, ou seja, a elaboração, que é confeccionada através da objetivação e ancoragem, na qual a objetivação consiste em coisificar conceitos desconhecidos em algo próximo, ou nas palavras de Moscovici (1978) "transplantar para o nível de observação, aquilo que era apenas símbolo" (MOSCOVICI, 1978, p. 111).

Já a ancoragem é entendida como o processo de ressignificação dado ao objeto, tornando essa significação mais próxima ao indivíduo através de práticas e valores.

Veja que diante disso, os entrevistados representam sempre a identidade do professor, através de seus próprios significados, utilizando-se de seus preceitos e

práticas para delinear aquilo que entendem sobre a identidade do professor (Jodelet, 2001)

Porém, é importante apontarmos aqui que existe desacordo quanto à identidade do professor, enquanto o grupo dos acadêmicos do ensino à distância tem algumas representações sociais, o grupo dos acadêmicos do presencial tem outras, no entanto, todas convergem no intuito da aula realizada para apreensão da atenção dos acadêmicos.

Isso pode ser explicado pelos conceitos de identidade já explorados anteriormente, pois, como Ciampa (1987) e Oliveira (1976) nos apresentam, a identidade apresenta uma complexidade de características, dentre elas a capacidade de ser múltipla, ocasionando essa possibilidade de se aproximar em alguns pontos e logo após apresentar o distanciamento noutro.

Também no caso da elaboração da identidade do professor, realizada pelos acadêmicos do ensino presencial, onde apontam algumas características como "amor nos olhos", "respeito", pode-se compreender através da característica relacional ou dialética da identidade, onde Hall (2006) e Seyferth (2004) afirmam que a característica relacional da identidade está atrelada à necessidade do outro, a construção e reconstrução da identidade é a interação social, pois é através desta que existe a possibilidade de aproximação ou de diferenciação necessária à identificação com um grupo.

Portanto, ao analisarmos as representações sociais dos acadêmicos do ensino a distância e as representações sociais dos acadêmicos do ensino presencial, podemos enxergar um alinhamento em alguns momentos, porém, também existe a divergência em outros. Caso existiu em algum momento uma representação social única, neste estudo não foi percebido desta maneira.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo investigar quais são as representações sociais da identidade do professor universitário que os acadêmicos de instituições privadas mantêm, partindo dos pressupostos que a identidade é compartilhada entre os grupos de identificação e que através das representações sociais são elaboradas através e por associação dos grupos.

A primeira conclusão que podemos enxergar é a divergência explícita em algumas representações dos grupos, enquanto o grupo de acadêmicos do ensino à distância investem maior ênfase nas características intelectuais do professor, os acadêmicos do ensino presencial voltam seus olhares à características físicas dos professores. A isso pode-se inferir que o convívio presencial é ponto de partida para a elaboração das representações dos acadêmicos do ensino presencial, e essa convivência passa a pautar a construção da identidade dos acadêmicos.

Outro ponto importante a destacarmos neste estudo é o ponto consensual entre todos os acadêmicos, o caráter de apreensão da atenção durante as aulas. Esta convergência realmente foi uma surpresa, pois no decorrer das entrevistas não foi possível captar essa polarização das representações, porém, como Cavedon (2014) explicita após o conceito ser aceito entre o grupo, constitui-se parte integrante deste.

Também é necessário apontarmos para a complexidade de identificação, ou seja, que as representações sociais dos acadêmicos podem terem sido influenciadas pela característica metamórfica da identidade, que consiste em se transformar, se adaptar e se flexibilizar, devido à crise econômica e política vivenciada pelos acadêmicos de forma mais direta, por estarem cursando o ensino superior em instituições privadas, onde as crises são mais explícitas.

Enfim, é necessário apontar aqui que devido ao caráter amplo das discussões envolvidas neste estudo, posteriores pesquisas poderão ser realizadas para que dessa maneira possam confirmar ou contradizer os resultados alcançados até o presente momento. Reafirmamos que não pretendemos de maneira alguma esgotar as discussões sobre os assuntos, mas sim, propiciar e fomentar discussões para o próprio desenvolvimento das questões aqui elencadas.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representação do trabalho do professor das séries iniciais: a produção do sentido de “dedicação”. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos: RBEP**, Brasília, v. 89, n. 223, p.522-534, 2008. Quadrimestral.

ARAÚJO, E. J. C.; ICHIKAWA, E. Y. Compreendendo o projeto redes de referencia para agricultura familiar a partir das representações sociais dos atores envolvidos. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 1, n. 13, p.39-52, mar. 2011. Trimestral.

CAVEDON, Neusa Rolita. As representações sociais circulantes no período de margem do ritual de passagem: o caso dos peritos criminais em estágio probatório. **Revista de Administração Mackenzie: RAM**, São Paulo, v. 15, n. 2, p.66-96, 2014. Bimestral

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio da psicologia social. São Paulo. Brasiliense. 1987

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006

GASKELL, George; BAUER, Martin W. – **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis. Vozes, 2002

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A. 2006

INEP/MEC. **Censo da educação Superior**. 2015. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/todas-noticias?p_p_auth=fB7tCw6U&p_p_id=56_INSTANCE_d9Q0&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-2&p_p_col_pos=2&p_p_col_count=3&_56_INSTANCE_d9Q0_groupId=10157&p_r_p_564233524_articleId=159898&p_r_p_564233524_id=159899>. Acesso em: 05 dez. 2015

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

JOSÉ PINTO, Milton -**Comunicação e discurso**: introdução a análise de discursos. São Paulo. Hacker Editores, 1999

LAGACHE, Daniel. Prefácio. In: MOSCOVICI, Serge. **A representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 7-12.

MAY, Tim – **Pesquisa Social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre. Artmed, 2004

MINAYO, Maria Cecília de Souza(org) - **Pesquisa social**: Teoria, métodos e criatividade - Rio de Janeiro. Vozes, 1994

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ORLANDI, Eni Puccinelli – **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo. Pontes, 2003

RICHARDSON, Roberto Jarry – **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. São Paulo. Atlas, 1999

SEYFERTH, Giralda. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p.149-197, jul. 2004. Semestral.

SOARES, Edvaldo – **Metodologia Científica: lógica, epistemologia e normas**. São Paulo: Atlas, 2003

SPINK, M. J. P. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998

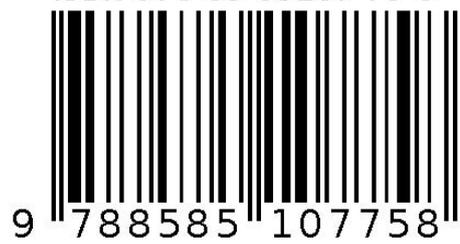
TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva -**Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo. Atlas, 1987

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. – **Pesquisa Qualitativa em Administração**: Teoria e Prática. Rio de Janeiro. FGV, 2004

YAMAMOTO, J. M.; ICHIKAWA, E. Y. - Representações Sociais da ciência: o que dizem as mulheres pesquisadoras da Universidade Estadual de Maringá. **Revista Alcance**, Itajaí, v. 14, n.º 1, Jan-Abr/2007. Trimestral

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-75-8



9 788585 107758